

UM PROJETO GLOBAL

***Roberto Rodrigues**

Uma das questões mais dramáticas que vive hoje o planeta, com suas recorrentes crises internacionais no setor financeiro, é a falta de liderança. Em julho passado este fenômeno chegou ao clímax no Congresso norte-americano, quando se discutiu o limite do endividamento dos Estados Unidos. No epicentro de Democracia, ela quase foi destruída pela “Síndrome do escorpião” por absoluta inexistência de um líder que conduzisse o processo. A Europa também carece de comandantes reconhecidos, os poderosos países da Ásia têm problemas internos tão grandes que não lhes permitem olhar para fora, e assim por diante.

Até mesmo as grandes organizações multilaterais – como a ONU – perderam protagonismo. Ninguém liga para suas orientações, nem as da OMS, da FAO, da OMC, etc. O G20 foi criado para ocupar este vazio, e tampouco tem conseguido ditar regras globais, bem como outros G que foram surgindo pelo vácuo internacional: G5, G7, G14, etc.

Talvez este vazio se deva à globalização da economia, que não dá mais espaço a líderes nacionalistas ou imperialistas que fizeram os capítulos da História Universal, para o bem ou para o mal.

Talvez o líder atual seja apenas a área financeira, que não tem nacionalidade, ideologia ou religião. Busca apenas a sua perenização, sem estratégia ou rumo que interessem à humanidade. E o mundo vai à matroca, às cegas, sem uma direção que beneficie todos os seres humanos.

Talvez a única forma de preencher este vazio seja um projeto global. Um projeto capaz de empolgar todas as Nações, todas as sociedades, todas as pessoas de qualquer país.

Qual poderia ser esse projeto? Há um tema sobre o qual o mundo todo anda debruçado, que é a fome. A OCDE publicou recentemente um estudo mostrando que em 10 anos a oferta de alimentos no mundo precisa crescer 20%, dado o aumento da população e de sua renda nos países emergentes o que vem provocando aumento da demanda. E, para o mundo crescer 20%, o Brasil tem que crescer o dobro, 40%.

Por outro lado, estudos da área energética mostram que a necessidade de energia será ainda maior que a de alimentos. E, na outra mão, o aquecimento global exige menor emissão de CO₂, com energia limpa e renovável, não tão dependente, como é hoje, de combustíveis fósseis como o petróleo. É o super discutido tema da sustentabilidade. E nós temos nossa agroenergia.

Diante disso tudo, um projeto de interesse global poderia ser: segurança alimentar e energética com sustentabilidade. Quem poderia ser contra isso? Quem poderia ser prejudicado por isso? Seguramente ninguém!

No entanto, este não é o projeto de um único líder, nem mesmo de uma Nação. Ele seria, na verdade um movimento universal, a empolgar toda a espécie humana, em seu próprio benefício.

Ora, quem ou o que poderia levantar esta bandeira?

Teria que ser um movimento também universal, com princípios e valores compartilhados por todos os povos. Claro que não seria o setor financeiro, mas precisaria do apoio dele. Claro que não seria uma religião, mas precisaria de dogmas reconhecidos.

Quem? O que?

O cooperativismo!

Este é o movimento que está em todos os países, independente de seu regime político ou econômico, e poderia, com seus princípios éticos lastreados na solidariedade, lançar este grande movimento, que beneficiaria a paz e a democracia no Planeta.

O ano que vem, 2012, será o Ano Internacional do Cooperativismo, assim determinado, pela ONU. E o cooperativismo brasileiro poderia levantar esta bandeira.

Será o momento deste grande movimento se erguer em favor da humanidade inteira, levando a todos os cidadãos o sagrado direito do alimento, garantia do bem mais importante para cada ser humano: sua saúde!

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**